



Um arquivo materno revisitado: o diário de Lili Jaffe

A Maternal Archive Revisited: Lili Jaffe's diary

André de Souza Pinto*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil

andresouzapinto@gmail.com

Resumo: Este artigo teve como objetivo analisar, em *O que os cegos estão sonhando?:* com o diário de Lili Jaffe (1994-1995), de Noemi Jaffe, a imagem do diário materno como um arquivo judaico, uma narrativa que, em sua primeira parte, se configuraria como um texto da literatura de testemunho, que é, por sua vez, desdobrado por Jaffe e por Leda Cartum. Assim, buscou-se entrever, na história pessoal que é narrada no diário e nos paratextos que constituiriam o livro, a biografia de Lili Jaffe e as consequências da história materna em sua família. Assim, o principal intento desse artigo foi, a partir desse arquivo biográfico, apresentar a história de Lili Jaffe e como o seu diário institui um depósito de narrativas que são desdobradas na contemporaneidade.

Palavras-chaves: Memória. Diário. Arquivo.

Abstract: This article aimed to analyze, in *What are the blind people dreaming of?:* with the Diary of Lili Jaffe (1994-1995), by Noemi Jaffe, the image of the maternal diary as a Jewish archive, a narrative that, in its first part, would be configured as a text of testimonial literature, which is, in turn, unfolded by Jaffe and Leda Cartoum. Thus, we sought to glimpse, in the personal story that is narrated in the diary and in the paratexts that would constitute the book, the biography of Lili Jaffe and the consequences of her maternal history in her family. Thus, the main intention of this article was, based on this archive biographical, present the story of Lili Jaffe and how her diary establishes a deposit of narratives that are unfolded in contemporary times.

Keywords: Memory. Diary. Archive.

Introdução

– Mãe, se você nunca se interessou em escrever, por que você quis escrever este diário, lá em Estocolmo? – Para mostrar para você!

(Noemi Jaffe)

* Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.



Em *O que os cegos estão sonhando?*,¹ narrativa escrita e organizada por Noemi Jaffe, um diário materno é o mote que enseja a construção de uma história que é entretecida por uma multiplicidade de vozes que a compõem: o diário, o relato homônimo ao título do livro e, por fim, o fragmento “Aqui, lá”, de Leda Cartum, retratando, desse modo, um livro que é concebido pelas três gerações da família Jaffe.

Na primeira parte do livro, é transcrito o diário de Lili Jaffe, cuja primeira anotação se refere ao dia 25 de abril de 1944 e se encerra em 30 de setembro de 1945, período em que sobrevivente judia irá narrar a clausura vivenciada, incluindo a sua rotina diária, os castigos, o frio e a fome, por exemplo. Além disso, o diário traz a época em que ela, não mais cativa nos campos de concentração, mas, sim, uma sobrevivente no pós-guerra, descreve um novo mundo e se redescobre como indivíduo por meio das memórias narradas.

Na sequência, Noemi Jaffe retoma, a partir do diário materno, memórias pessoais que se entrelaçam a imagem de sua mãe, revivendo e refletindo, pois, por intermédio de fragmentos do diário, conversas que teve com a matriarca, o que conduz a escritora a rememorar o passado e, nesse movimento, presentificar a narrativa de Lili Jaffe.

Nessa seção, que leva o título da obra, 36 textos têm títulos que funcionam como chaves de leitura dos fragmentos destacados dessa caderneta biográfica. Logo, fome, frio, pedra, amor e oração, por exemplo, irão compor parte daquilo que será rememorado no diário e, aqui, ponderado pela escritora, uma filha de sobreviventes, cuja narrativa servirá como elemento mediador entre as memórias descritas.

Por fim, no fragmento mais curto deste livro, “Aqui, lá”, Leda Cartum, filha de Noemi Jaffe, retrata, de certo modo, a partir das memórias de sua avó, a impossibilidade de fazer ressoar o passado no tempo presente, uma vez que, apesar de acessar o arquivo dessa sobrevivente e reconhecer a barbárie que perpassou a vida de Lili Jaffe, para Cartum, haveria um espaço que não seria alcançável para ela, mas que constituiria, ainda assim, uma sombra que paira sobre a própria família e traz o peso dessas memórias.²

O diário de Lili Jaffe assumiria, assim, neste artigo, a materialidade de um arquivo judaico, texto representativo da literatura de testemunho, cujos desdobramentos, ora por intermédio do relato de Noemi Jaffe, ora pela releitura proposta por Leda Cartum, compõem um registro do cárcere, um antes e um depois do cativo, mais ainda, um depósito de narrativas que se desenovelam por meio da leitura desse repertório de histórias sobre a Shoah e acerca dos seus efeitos nas próximas gerações.

¹ JAFFE, 2012.

² JAFFE, 2012, p. 233-234.



Então, por que escrever o diário? A pergunta proposta por Noemi Jaffe é significativa, porém, a resposta de sua mãe não é longa, afinal, se “a detenção e a prisão, as torturas e a solitária, a perseguição e o degredo nem sempre reduzem ao silêncio quantos os padecem”,³ Lili Jaffe parece, aqui, buscar fazer ver o seu relato e, assim, o desejo de mostrar o diário para a filha⁴ é o que motiva a construção desse arquivo de memórias, que se desdobra, se transforma e se expande.

1. O arquivo de Jaffe: conceito e análise

Para Jacques Derrida, o termo “arquivo” se refere ao vocábulo *arché*, em grego, que “designa ao mesmo tempo o *começo* e o *comando*”,⁵ isto é, o princípio físico e histórico, bem como o início da lei, uma vez que denotaria o espaço de reunião e o poder de interpretar tais registros, o que, neste artigo, se assemelharia a montagem literária que é proposta por *O que os cegos estão sonhando?*.

Nessa acepção, a partir do princípio arcôntico, que marcaria a “passagem institucional do privado ao público”,⁶ é constituído, em vista disso, um arquivo judaico, um repositório de narrativas, no qual Noemi Jaffe, em primeiro plano, porém, não o único – vide a leitura de Leda Cartum sobre o diário da avó –, se assume como um arconte na contemporaneidade, sendo responsável não somente pela segurança física das narrativas maternas, mas, também, pela interpretação desse inventário de histórias.

Em “Apresentação”, Noemi Jaffe assinala, desde o princípio, o caráter arcôntico que perpassará o seu livro, afinal, ao não adaptar a caderneta autobiográfica, mas, sim, “manter aspectos particulares da escrita de minha mãe no diário, para preservar a espontaneidade e a intensidade com que ele foi escrito”,⁷ ela estabelece uma leitura pessoal acerca do diário, interpreta-o, buscando, com isso, “preservar [...] pequenas confusões, justamente para ser fiel ao que minha mãe vivia no momento em que tomou a decisão de escrever”.⁸

Nota-se, ainda, que a narrativa de Jaffe se propõe a contar a história de Lili Jaffe, sua mãe, porém, o diário “tem uma narrativa interna: como meu pai havia se apaixonado por minha mãe”,⁹ elemento que não é inserido no livro analisado, afinal, segundo a escritora: “optei por não publicar os trechos escritos por meu pai, porque eles são um apêndice ao diário, que é, na realidade, o enfoque desta publicação”.¹⁰ Ao fazer tal

³ QUEIROZ, 2019, p. 11.

⁴ JAFFE, 2012, p. 8.

⁵ DERRIDA, 2001, p. 12.

⁶ DERRIDA, 2001, p. 13.

⁷ JAFFE, 2012, p. 7.

⁸ JAFFE, 2012, p. 8.

⁹ JAFFE, 2012, p. 8.

¹⁰ JAFFE, 2012, p. 9.



recorte, ela estabelece um novo olhar para o documento arquivado, dando prioridade ao relato materno e excluindo, ao menos neste livro, um outro repertório de narrativas: as histórias sobre o pai.

Além disso, se o intento é preservar a narrativa materna, nota-se que o diário é, por escolha de Jaffe e suas irmãs, depositado no Museu do Holocausto, *Yad Vashem*, em Israel, espaço em que ele poderia ser consultado e conservado, o que retomaria, novamente, a tarefa do arconte, no qual o elemento privado transmuta-se em um objeto público.

Desse modo, se, como afiança Derrida, todo arquivo seria, ao mesmo tempo, instituidor e conservador, bem como revolucionário e tradicional,¹¹ vê-se que o princípio de reunião proposto pelo conceito de arquivo se daria, também, no livro de Noemi Jaffe, que cita as narrativas maternas, inclui o próprio relato pessoal e, por fim, insere o texto de Leda Cartum, porém, ressalta-se, é justamente o texto da matriarca, citado e traduzido do sérvio para o português, que se transforma em mote narrativo e é desdobrado pela ficção.

2 Revisitando e ampliando o diário materno

Em “Truth and testimony: the Process and the struggle”, Dori Laub propõe que a Shoah seria um evento sem testemunha, o que acarretaria na impossibilidade de narração,¹² porém, a realização do diário de Lili Jaffe evidencia que, embora traumático, há a possibilidade de narrativa para o sobrevivente. Por meio da palavra, o silêncio daquele que fora encarcerado não perdura e, desse modo, o diário materno transforma-se, para a filha, em um arquivo que é revisitado – ainda que seja repleto de lacunas.

Se, conforme Primo Levi, ao se violentar o homem, “também se violenta a linguagem”,¹³ instaurando, pois, o silêncio da vítima ou a sua fratura comunicativa, percebe-se que há, sim, no relato de Lili Jaffe um emudecimento acerca do período vivenciado nos campos de concentração – “Tenho dificuldade de escrever o que aconteceu há cinco dias [...]”¹⁴ – porém, embora o texto seja lacunar e fragmentado, suspenso narrativamente, principalmente pelo uso de reticências, o seu testemunho adquire, como assinala Maria José de Queiroz, em *A literatura encarcerada*, “importância histórica, arqueológica, às vezes, de nefasta memória”.¹⁵

Logo, o desejo de Lili Jaffe mostrar o seu diário para a filha, ainda que esta não existisse no momento da escrita, assumiria, nesse sentido, para Noemi Jaffe, uma

¹¹ DERRIDA, 2001, p. 17.

¹² LAUB, 1995, p. 65.

¹³ LEVI, 2004, p. 85.

¹⁴ JAFFE, 2012, p. 27.

¹⁵ QUEIROZ, 2019, p. 13.



“sabedoria do destino”, como se “ele já soubesse e como se a filha tivesse nascido para ler o diário, para dá-lo a público e também seria por isso que ela o teria escrito, já que não tinha o hábito de escrever”.¹⁶ Desse modo, o texto materno é o repositório de narrativas que é revisto, relido e reelaborado.

Nota-se, nessa perspectiva, que o texto autobiográfico de Lili Jaffe se manifestaria, para a filha, em “Ficção e realidade”, como uma “narrativa que cada pessoa vai tecendo, por baixo e por dentro de si mesma, para que os fios permaneçam e se cruzem, continuando e se desenvolvendo em outras histórias”,¹⁷ retratando o próprio projeto editorial do livro *O que os cegos estão sonhando?*, uma vez que a narrativa em terceira pessoa de Noemi Jaffe e o fragmento “Aqui, lá”, de Leda Cartum, configurariam o entrelace de histórias proposto.

O arquivo composto pela matriarca instaura, assim, no desejo de se revelar para a filha, uma contraposição ao que afiança Michael Pollack, pois, aqui, não se busca “poupar os filhos de crescer na lembrança das feridas dos pais”,¹⁸ mas, sim, lançar luz sobre as memórias vivenciadas no campo de concentração e, posteriormente, naquilo que fora vivenciado após a libertação. Nesse sentido, retomar o passado é o que permite que a história materna sobreviva e seja recontada por Noemi Jaffe, ora para a sua filha, ora, por extensão, para os leitores que enveredam pelas páginas do livro.

Dessa maneira, tanto Noemi Jaffe quanto a sua filha, tornam-se, nesse movimento, testemunhas de uma história passada, uma vez que, segundo Jeanne Maria Gagnebin,

Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente.¹⁹

Tal aspecto é perceptível, por exemplo, no capítulo “Palavra”, cujo desejo de ouvir outras histórias, por parte da filha, encontra, na figura de Lili Jaffe, a repetição de apenas dois vocábulos: “*Achtung*” e “*Zeltappel*”. A repetição incessante dos termos é motivo, inicialmente, de irritação, afinal, como seria “possível ela não se lembrar de

¹⁶ JAFFE, 2012, p. 207.

¹⁷ JAFFE, 2012, p. 207.

¹⁸ POLLAK, 1989, p. 6.

¹⁹ GAGNEBIN, 2014, p. 57.



mais nenhuma palavra, se passou onze meses no campo?”²⁰ Assim, a ausência de um vocabulário mais amplo, como queria a filha, remeteria a um novo aspecto dessa narrativa de testemunho, pois, salienta-se, os termos fixados na memória indicam o período traumático em que foram concebidos.

Achtung e *Zeltappel*. Proibição e conferência. Atenção e chamada. As palavras aprendidas por Lili Jaffe foram as “únicas [...] que sobraram na memória dela, de onze meses de terror. Como se o campo tivesse sido uma sala de aula. Atenção para a chamada”.²¹ O testemunho que irrompe, portanto, por intermédio dessas poucas palavras, é, nesse caso, na traduzibilidade que fora possível em tal período, “a forma que com mais pertinência fala em nome de uma época e de um infausto”,²² isto é, o meio para expressar, conceber e materializar, ainda que pela ausência, o passado de um sobrevivente.

Nesse sentido, evidencia-se que, conforme atesta Giorgio Agamben,

O testemunho é uma potência que adquire realidade mediante uma impotência de dizer e uma impossibilidade que adquire existência mediante uma possibilidade de falar. Os dois movimentos não podem nem identificar-se em um sujeito ou em uma consciência, nem sequer separar-se em duas substâncias incomunicáveis. Esta indivisível intimidade é o testemunho.²³

Assim, se é na potencialidade da palavra, reduzida, aqui, a dois vocábulos, *Achtung* e *Zeltappel*, que o diário se manifesta, percebe-se que é neste jogo de falar e calar, mostrar e esconder, que estaria o testemunho latente de Lili Jaffe, justamente nos espaços vazios desse relato que faz parte do arquivo da Shoah e que são desdobrados, por meio da ficção, na narrativa de *O que os cegos estão sonhando?* e “Aqui, lá”, paratextos possíveis do diário de Lili Jaffe.

Além disso, para Márcio Seligmann-Silva:

A linguagem/escrita nasce de um vazio – a cultura, do sufocamento da natureza e o simbólico, de uma reescrita dolorosa do “real” (que é vivido como um trauma). Aquele que testemunha se relaciona de um modo excepcional com a linguagem: ele desfaz os lacres da linguagem que tentam encobrir o “indizível” que a sustenta. A linguagem é antes de

²⁰ JAFFE, 2012, p. 180.

²¹ JAFFE, 2012, p. 182.

²² MERCADO, 2009, p. 35.

²³ AGAMBEN, 2008, p. 147.



mais nada o traço – substituto e nunca perfeito e satisfatório – de uma falta, de uma ausência.²⁴

Logo, o vazio que permeia o diário materno é o que propicia a urdidura do relato de Noemi Jaffe, uma testemunha indireta da barbárie da Shoah e das memórias narradas por sua mãe. Assim, a palavra, o traço que marca a página, para uma escritora que entrevê a narrativa de Lili Jaffe por intermédio de um olhar oblíquo, vislumbrando tanto a falta quanto a potencialidade do relato, o caráter pessoal e aquilo que comporia a memória coletiva, faz visível o que outrora seria indizível.

A narrativa de *O que os cegos estão sonhando?* se institui, assim, como mais um texto dentro de um inventário de relatos de sobreviventes, ampliando ainda mais o arquivo judaico referente a Shoah. Em “O esquecimento é a única vingança e o único perdão”,²⁵ por exemplo, Noemi Jaffe enumera uma sequência de nomes e objetos, um catálogo de histórias que comporiam este inventário de narrativas de sobreviventes, no qual o diário materno, certamente, poderia ser inserido.

Por fim, Noemi Jaffe, em “Apresentação”, intenta refletir, ainda, acerca do efeito que a releitura do diário e, mais, a jornada até os campos de concentração provocaram nela e em sua filha. Nas palavras de Jaffe:

Em 2009, eu e minha filha Leda fomos para a Alemanha e para a Polônia, concluindo a viagem em Auschwitz, durante o inverno polonês, para conhecer o lugar onde minha mãe tinha sido prisioneira, para coletar informações e para sentir o que não sabíamos. Queríamos algo que nos escapava. Nossas reações foram praticamente opostas, como se conta aqui, mas ambas intensas e pregnantes.²⁶

A experiência vivenciada pela segunda e pela terceira geração da família Jaffe é, no entanto, fadada a uma multiplicidade ainda maior de sensações. Se se buscava preencher aquilo que faltava na história familiar, os vazios e as lacunas, o que Noemi Jaffe e Leda Cartum alcançam é, no entanto, diverso.

Embora os espaços visitados ressoem diferente para cada uma delas, o que as une é, justamente, ao trilharem o mesmo caminho da matriarca da família, a potencialidade narrativa e a forte impressão que Auschwitz traz. Logo, para Noemi Jaffe, *O que os cegos estão sonhando?* é, de certo modo, o resultado dessa reação intensa e prenante; para Cartum, o fragmento final, “Aqui, lá”, mais curto e objetivo, talvez apresente mais perguntas e dúvidas, porém, ambos assinalam o efeito que fora proposto pelo arquivo judaico da Shoah, cujo Diário de Lili Jaffe é parte integrante.

²⁴ SELIGMANN-SILVA, 2013, p. 48.

²⁵ JAFFE, 2012, p. 227.

²⁶ JAFFE, 2012, p. 9.



Conclusão

É preciso sentar-se e ler as palavras da minha avó. É preciso conhecer estas palavras que guardam, cada uma, uma verdade que não conhecemos – e que no entanto apalpamos, apalpamos e não sentimos nada.

(Leda Cartum)

Ler as memórias de Lili Jaffe é, como afiança Leda Cartum, apalpar um passado desconhecido, uma verdade inaudita, que, para mãe e filha, Noemi e Leda, assumem papéis distintos. Se Noemi Jaffe, reconhece na pergunta materna, “Filha, o que os cegos estão sonhando?”,²⁷ “o estar-no-mundo da mãe”,²⁸ as memórias traumáticas e o dever testemunhal de seu texto, Cartum, por sua vez, embora perceba a importância da narrativa, assume o seu desconhecimento sobre o passado, fruto de uma geração que não teve um contato direto com os horrores da Shoah.

Desse modo, conforme ela assevera, acerca dos espaços vazios que a compõe, eles “existem e [...] guardam muita coisa, mas [...] nem sempre tenho acesso. Histórias que fazem parte necessária daquilo que sou e da maneira como me comporto, mas que não vivi nem conheço”.²⁹ Cartum se apropria, dessa maneira, da narrativa de sua avó como uma testemunha indireta do arquivo biográfico de Lili Jaffe, revisitando-o, desdobrando-o e o expandindo, porém, sem se reconhecer plenamente nele.

Para Noemi Jaffe, o passado é, no entanto, diverso, já que ele

só se reconhece no presente. Ele só existe no presente, pela lembrança de quem o rememora. O passado está inevitavelmente ligado às pessoas, à linguagem, à sua narração, à sua compreensão por quem o recupera, seja por lembranças, seja por objetos que vêm dele. Cada objeto que se encontra vindo do passado depende da interpretação de quem o encontra para receber uma dimensão e um lugar no passado e no presente. O passado, portanto, é uma espécie de invenção pessoal e coletiva, sempre esfumado por conveniências, circunstâncias, subjetividade, mudanças de hábito e de linguagem, imprecisões, dificuldades de todo tipo.³⁰

²⁷ JAFFE, 2012, p. 183.

²⁸ JAFFE, 2012, p. 183.

²⁹ CARTUM, 2012, p. 234.

³⁰ JAFFE, 2012, p. 204.



Portanto, ao fazer coincidir o passado aos objetos que o compõe, Jaffe manuseia e apalpa, conscientemente, o repertório de narrativas maternas, o arquivo sobre a Shoah que é produzido por sua mãe, interpretando-o e desenovelando-o para os seus leitores. O relato de Lili Jaffe, por meio de seu diário, embora uma invenção pessoal, assume, aqui, o seu papel coletivo, passa do privado ao público, permitindo que seja lido, revisto e reinterpretado, ou seja, irrompe, neste texto, como um inventário de narrativas sobre os campos de concentração e sobre a vida do sobrevivente, um depósito inesgotável de análise e reflexões sobre a Shoah.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-234.
- CARTUM, Leda. Aqui, lá. In: JAFFE, Noemi. *O que os cegos estão sonhando?: com o Diário de Lili Jaffe (1994-1995)*. São Paulo: Editora 34, 2012. p. 229-237.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Dumará, 2001.
- RODRIGUES, Breno Fonseca. Memória e testemunho: a fragilidade da narrativa em *O que os cegos estão sonhando?*, de Noemi Jaffe. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, v. 10, n. 18, p. 45-59, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14308>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- JAFFE, Noemi. *O que os cegos estão sonhando?: com o Diário de Lili Jaffe (1994-1995)*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- LAUB, Dori. Truth and testimony: the Process and the struggle. In: CARUTH, Cathy (org.). *Trauma: Explorations in memory*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1995. p. 61-75.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução de Luigi Del Rey. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- MERCADO, Tununa. Testemunho, Verdade e literatura. In: GALLE, Helmut (et al.) (org.). *Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: Annablume; FAPESP; FFLCHUSP, 2009. p. 31-36.



PARISOTE, Amanda Dal'Zotto. Entre autoras, diário e memórias: a linguagem da barbárie em *O que os cegos estão sonhando?*. *WebMosaica* – Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, v. 8, n. 1, (jan.-jun.), 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/71156>. Acesso em: 10 nov. 2023.

PAULA, Marcelo Ferraz de. O testemunho oblíquo em *O que os cegos estão sonhando?*, de Noemi Jaffe, e *Maus*, de Art Spiegelman. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 55, p. 285-208, set./dez., 2018. Disponível em: scielo.br/j/elbc/a/QDNv4bCCCJwSf8W7Hs7jyDk/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 11 nov. 2023.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 12 nov. 2023.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2023.

QUEIROZ, Maria José de. *A literatura encarcerada*. Belo Horizonte: Caravana Grupo Editorial, 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 13 nov. 2023.

Recebido em: 30/09/2023.

Aprovado em: 13/10/2023.